

PROJETO “O ARQUIVO DO ROMANCEIRO PORTUGUÊS DA TRADIÇÃO ORAL MODERNA (1828-2010): SUA PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO”

Pere Ferré, Sandra Boto e Mirian Tavares

Centro de Investigação em Artes e Comunicação / Universidade do Algarve

Resumo: O Romanceiro é um género poético tradicional que circula desde os finais da Idade Média na memória dos povos de expressão portuguesa, galega, castelhana e catalã, difundindo-se desde então oralmente de geração em geração. Trata-se, portanto, de um património imaterial de uma vitalidade excepcional e de uma riqueza ímpar que importa preservar.

O presente projeto, acolhido pela Fundação Manuel Viegas Guerreiro e pelo CIAC, e financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, pretende salvaguardar e tornar acessível ao grande público o Arquivo do Romanceiro Português, absolutamente único no contexto ibérico, através dos novos recursos digitais.

Resumen: El romancero es un género poético tradicional conservado, desde finales de la Edad Media, en la memoria de los pueblos de expresión portuguesa, gallega, castellana y catalana y transmitido oralmente desde aquella fecha, de generación en generación. Es, de este modo, un patrimonio de excepcional vitalidad y de una riqueza sin par que urge conservar.

Este proyecto, desarrollado por la Fundação Manuel Viegas Guerreiro y por el CIAC, con el apoyo de la Fundação Calouste Gulbenkian, pretende conservar y, a la vez, hacer accesible al público en general, el Archivo de Romancero Português, a través de los nuevos recursos digitales.

Palavras-chave: romanceiro; tradição oral moderna portuguesa; arquivo; novos média; Humanidades Digitais.

1. O projeto que aqui apresentamos, "O Arquivo do Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna (1828-2010): sua preservação e difusão", é uma investigação acolhida pela Fundação Manuel Viegas Guerreiro, de Querença (Loulé), que tem estatutariamente como vocação a promoção do património cultural local e nacional, em parceria com o CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação, a quem cabe coordenar as atividades de caráter técnico referentes à digitalização, conceção de bases de dados e disponibilização dos materiais em rede.

Trata-se de uma candidatura aprovada para financiamento na edição de 2013 do concurso "Recuperação, Tratamento e Organização de Acervos Documentais" promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian. Os trabalhos, que tiveram início em setembro de 2013 e com conclusão prevista para agosto de 2014, são coordenados por uma equipa nuclear constituída por três investigadores com experiência na área: Pere Ferré assume a coordenação geral da investigação; Mirian Tavares, a coordenação técnica e de comunicação e Sandra Boto assume as funções de responsável pela edição dos registos textuais e sonoros do arquivo.

2. Importa, antes de passarmos à explicação técnica e detalhada dos objetivos e atividades do projeto, enquadrar brevemente o género poético a que este arquivo se encontra dedicado bem como as especificidades do mesmo, de forma a percebermos a sua importância patrimonial no contexto nacional e internacional.

Partindo do facto de o Romanceiro ser um género literário que ostenta uma vetusta tradição que remonta à Idade Média, perdurando nas memórias populares desde então até ao presente, assumiremos, sem qualquer dificuldade, estarmos perante um património imaterial de uma riqueza ímpar com óbvias necessidades de preservação a que só os novos recursos digitais podem dar resposta. Paradoxalmente, é a disseminação dessas mesmas novas tecnologias e dos *new media* a responsável pela talvez definitiva aniquilação da vitalidade e função da poesia tradicional no seio das comunidades rurais em que ainda escassamente permanece, votada ao estertor.

Foi no século XIX que se deram os primeiros passos na recolha e classificação do Romanceiro como património literário em Portugal, pelas mãos dos Românticos, desde que

Almeida Garrett se lançou, nos anos 20, na compilação de versões de romances tradicionais com o objetivo de provar que a literatura portuguesa não só não carecia de uma poesia popular legítima e nacional, como o Romanceiro português apresentava uma qualidade superior à da baladística dos outros povos europeus. Em 1828, portanto, Garrett dava à estampa, pela primeira vez, versões de romances da tradição oral moderna portuguesa e por este motivo este ano veio a instituir-se como baliza cronológica inicial no âmbito deste arquivo e, por conseguinte, deste projeto.

Devemos, contudo, ao século XX, a consolidação e aprofundamento das ações de recolha de campo e de preservação destes textos orais com propósitos bem mais científicos, ora etnográficos, ora filológicos, ora linguísticos. Em qualquer um dos casos, a perceção do Romanceiro de tradição oral como um património memorial carente de uma intervenção concertada, devido ao risco de desaparecimento provocado pela perda da memória das populações que cantam romances, traduziu-se na organização de múltiplas campanhas de campo, bem como numa ação de divulgação dos textos anteriormente publicados, através da sua reedição em coleções que pretendiam levar ao público académico (e não só) esta poesia de transmissão oral. Relembro, por exemplo, a publicação do *Romanceiro Geral Português*, da responsabilidade de Teófilo Braga (1906-1909) ou os monumentais volumes do *Romanceiro Português* de Leite de Vasconcelos (1958-1960). Mas as mencionadas campanhas de recolha deram, na verdade, resultados notoriamente positivos, pois permitiram efetuar o levantamento, em território português, de centenas e centenas de novas versões de romances e, inclusivamente, de novos temas de romances, que até à época se duvidava ou ignorava que tivessem frutificado na tradição portuguesa, como o tema épico "Afuera, afuera, Rodrigo"¹, cuja existência em Portugal só foi confirmada a partir das prospeções das equipas de Pere Ferré no Arquipélago da Madeira, nos inícios da década de 80 do século XX, embora Estácio da Veiga tivesse publicado em 1870 uma versão tão refundida deste romance que se colocasse em dúvida a sua legitimidade.

Na verdade, a partir do último quartel do século XX, este interesse manifestado por Pere Ferré e pelas equipas por ele lideradas no levantamento deste género, a partir da

¹ Excetuando a criativa e controversa versão de Veiga, 1870: 19-22, só voltaram a ser publicadas mais versões deste romance, em Portugal, com Ferré, 1982: 27 e 27-28.

tradição oral, conduziu à edificação de um grande arquivo constituído pelo fruto das recolhas efetuadas na tradição oral e pelo levantamento bibliográfico e textual exaustivo das versões de romances editadas desde o século XIX até aos nossos dias. Construiu-se, assim, a partir deste trabalho de exumação, um arquivo único à escala ibérica, onde se encontram depositados materiais absolutamente inéditos, a par da esmagadora maioria das versões de romances da tradição portuguesa dadas à estampa de forma dispersa, tornando assim acessível ao público textos que, de outra forma, só com grande esforço de pesquisa poderiam ser localizados.

Na realidade, as múltiplas recolhas de prospecção pelo território português continental e insular de finais do século XX, inícios do século XXI permitiram angariar centenas de horas de gravação (mais precisamente, as recolhas de campo levadas a cabo entre 1976 e 1997 por Pere Ferré produziram a compilação de um total de 660 horas de gravação, em 609 cassetes contendo versões de romances), depositadas no então designado "Arquivo do Instituto sobre os Estudos do Romanceiro Velho e Tradicional. Versões inéditas (1976-1997)", pertencente ao entretanto extinto Instituto de Estudos do Romanceiro Velho e Tradicional da Universidade Nova de Lisboa. Este arquivo, juntamente com o "Arquivo Geral do Romanceiro Tradicional Português. Versões editadas (1828-2000)", também outrora depositado nesse Instituto, e que acolhe fotocópias de todas as versões de romances já publicadas desde que Almeida Garrett encetou o interesse pelo romanceiro tradicional no primeiro quartel do século XIX, veio posteriormente a formar um único núcleo documental, textual e sonoro, o "Arquivo do Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna". Esta alteração é efetivamente tardia, dando-se já em 2009, com a definitiva transição dos materiais audio para a Universidade do Algarve. São estes dois acervos que constituem atualmente o objeto deste projeto.

Compreende então o "Arquivo do Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna (1828-2010)" (figs. 1 e 2), depositado atualmente no Algarve, o produto do trabalho de investigação bibliográfica e de campo das equipas de Pere Ferré, tanto no que respeita aos materiais sonoros como no que se refere ao arquivo em papel contendo cerca de 6.500 versões já publicadas e cerca de 5.000 transcrições de textos inéditos. Iniciado na Universidade Nova de Lisboa durante os anos 80 do século XX, onde permaneceu até ao ano

2000 (o acervo em papel) e até 2009 (o acervo sonoro), várias vicissitudes têm marcado a vida destes documentos, sobretudo algumas de ordem física, como as repetidas inundações que os assolaram quando se encontravam depositados no Centro de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade do Algarve, primeiro espaço que acolheu o Arquivo aquando da sua chegada ao Algarve.

Não se pense, contudo, que o trabalho de constituição do arquivo se encontra estanque ou dado por concluído. Bem pelo contrário, não podemos deixar de aludir que o trabalho de angariação de versões, tanto na sua vertente textual como sonora, é entendido enquanto processo em constante atualização e naturalmente ininterrupto. A atualização do arquivo não cessa, portanto, devido ao constante surgimento de novas publicações e de versões de romances tradicionais que continuam a ser dadas a conhecer e cuja incorporação é prioritária. Definimos, pois, tendo em conta este pressuposto, o ano de 2010 como baliza final para tratamento no âmbito deste projeto.

Ressalte-se ainda que este arquivo, nas suas duas vertentes, permitiu potenciar significativamente os estudos teóricos em torno desta poesia de tradição oral e, por conseguinte, melhorar o conhecimento dos seus mecanismos. Referimo-nos concretamente a uma lista significativa de trabalhos académicos nacionais e internacionais como artigos, comunicações nacionais e internacionais, teses de licenciatura, de mestrado e de doutoramento, que, desde os anos 90, têm vindo a usufruir da consulta dos materiais aqui depositados². Sobretudo, devemos uma chamada de atenção para a obra *Romanceliro Português da Tradição Oral Moderna Portuguesa (1828-1960)*, (da autoria de Pere Ferré e com colaboração, entre outros, de Mirian Tavares e Sandra Boto, com quatro volumes já publicados com a chancela da Fundação Calouste Gulbenkian, entre 2000 e 2004), bem como para a *Bibliografia do Romanceliro Português da Tradição Oral Moderna (1828-2000)*, de Pere Ferré e Cristina Carinhas, publicada em Madrid pelo Instituto Universitario Seminario Menéndez Pidal, em 2000. Esta bibliografia constitui, com efeito, uma ferramenta fundamental para os estudiosos que se dedicam a esta área do conhecimento.

² Eis uma brevíssima amostra dos trabalhos académicos nacionais e internacionais levados a cabo com recurso ao Arquivo do Romanceliro Português: Araújo (2000); Boto (2011); Carinhas (1995); Marques (2003); Pires (2006); Rico (2005); Salazar (2011) e Valenciano (1994). Sublinhe-se ainda que várias investigações de doutoramento e pós-doutoramento em curso continuam atualmente a usufruir da consulta dos materiais sonoros e textuais depositados neste arquivo.

Fica clara, deste modo, a importância deste acervo e a urgência de que se reveste a sua preservação, através do recurso à digitalização, reconhecendo que a sua manutenção nos formatos em que se encontram os materiais (cassetes áudio, para o arquivo sonoro, e em papel, para o arquivo dos textos) constitui uma séria ameaça à sua preservação, bastando, para tal, pensarmos que as cassetes áudio constituem suportes extremamente perecíveis e efêmeros e que o papel (os textos encontram-se fotocopiados) está sujeito a sofrer os danos causados pela humidade, calor, possíveis intempéries e até incêndios, correndo assim o risco de desaparecer definitivamente o esforço de gerações de investigadores que se dedicaram ao levantamento destes documentos e, por conseguinte, de uma parte valiosa da nossa memória coletiva e patrimonial.

3. Reconhece-se, em segundo lugar, e apesar do que se disse acerca do papel desempenhado por estes arquivos na investigação académica sobre a balada ibérica, que o impacto destes acervos junto do público se encontra ainda muito aquém do desejável. Se pensarmos nas possibilidades que os novos média oferecem atualmente na difusão da informação e do conhecimento através de plataformas em rede, concluiremos sem esforço que é urgente a sua disponibilização na *web* de forma a beneficiar, desta forma, utilizadores / investigadores de todo o mundo com interesse no romancero ibérico, o que só o recurso ao digital e a um *interface* em rede pode corrigir. A adaptação às novas tecnologias da informação impõe-se, assim, como uma obrigação a todos os núcleos documentais de interesse patrimonial pois é justamente essa vertente coletiva (o que é absolutamente adequado ao Romancero tradicional) que demanda a sua mais ampla divulgação, como um imperativo de ordem cultural que não pode ser contornado.

Outros projetos mais ou menos semelhantes, no que respeita a plataformas de difusão relacionadas com a literatura de tradição oral, serviram de inspiração a este. Referimo-nos concretamente a duas plataformas. Refira-se, por um lado, o "Pan-Hispanic Ballad Project", da University of Washington e liderado pela Professora Suzane Petersen³, que foi a primeira plataforma a acolher uma base de dados dedicada ao romancero ibérico, congregando várias sub-tradições e com a qual colaborámos na cedência de versões

³ Disponível em <http://depts.washington.edu/hisprom/>

portuguesas já publicadas. Trata-se de um recurso de extrema utilidade, embora careça ainda de ser completada nalguns campos devido, naturalmente, à vasta ambição do projeto em si. Por seu turno, o segundo projeto que nos serviu de guia do ponto de vista não só do conceito e das potencialidades a explorar, mas também da elaboração do *interface*, foi o "Arxiu de Folkore", da responsabilidade da Professora Carme Oriol e vinculado à Universitat Rovira i Virgili de Tarragona, em Espanha, com quem temos vindo a estreitar laços de cooperação institucional⁴.

4. No sentido de concretizar o objetivo de disponibilizar em rede esta plataforma do romanceiro português, que assumirá a designação www.romanceiro.pt, previu-se a constituição de uma equipa organizada em torno de dois eixos:

1) Os responsáveis pela componente técnica e tecnológica do projeto (digitalização dos materiais, construção de uma base de dados e disponibilização *online* do arquivo):

- A responsável, Mirian Tavares, no que diz respeito ao parceiro CIAC, pelas atividades que requerem o domínio da tecnologia ao serviço da preservação e boa difusão dos materiais do arquivo:

- Procedeu-se também à afetação de um técnico multimédia ao projeto que presta apoio às atividades de edição dos materiais e à concepção gráfica do site e da imagem do projeto, em geral;

- Contratou-se um informático em regime de prestação de serviços com vista à criação e gestão das bases de dados e programação da plataforma;

2) Os responsáveis pela componente científica / filológica, que supervisionam as ações levadas a cabo e garantem a boa execução das tarefas, tendo em vista as práticas de edição de textos orais e o conhecimento dos mecanismos que regem o romanceiro tradicional:

- O coordenador do projeto, Pere Ferré, e Sandra Boto, ambos especialistas na área do romanceiro tradicional.

⁴ Disponível em <http://arxiufolk.arxiudefolklore.cat/>

Pensamos, passando por três estádios de trabalho calculados para 12 meses de trabalho intensivo que enunciámos a seguir, poder devolver o "Arquivo do Romancero Português da Tradição Oral Moderna (1828-2010)" ao espírito que presidiu a sua constituição: proporcionar ao público interessado uma parcela da sua memória coletiva, de forma organizada, com uma lógica de busca intuitiva e de livre acesso:

- 1) Passagem do conteúdo das cassetes áudio (arquivo sonoro) do formato analógico para formato de alta qualidade (.aiff), a ser convertido noutros formatos para divulgação na *web* (nomeadamente mp3); digitalização de todo o arquivo em papel (versões éditas e inéditas) para ficheiros de imagem (.tiff) - esta primeira fase garante a passagem dos materiais para formatos digitais antes das intervenções de edição e está a ser coordenada por Mirian Tavares.
- 2) Tratamento dos registos sonoros já digitalizados, sua edição e (re)classificação; revisão das transcrições efetuadas no passado e realização das transcrições em falta, a partir dos materiais áudio (edição de texto); revisão das classificações dos materiais obtidos após a digitalização do arquivo em papel, a partir da classificação adotada internacionalmente, o *Índice general del romancero*: tarefa coordenada por Pere Ferré e Sandra Boto.
- 3) Construção de uma base de dados com todos os materiais obtidos e sua disponibilização em rede no site www.romanceiro.pt, com vínculo à Plataforma Crossmedia do CIAC (em <http://crossmediaplatform.ciac.pt/>) e aos sites de eventuais futuros parceiros que possam entretanto vincular-se ao projeto: tarefa coordenada por Mirian Tavares, com a colaboração de Pere Ferré e Sandra Boto.

5. No momento em que apresentamos esta comunicação, o projeto já se encontra em curso e, portanto, gostaríamos de dar aqui conta do estado dos trabalhos, de acordo com as fases e tarefas descritas antes.

Na realidade, tarefas preparatórias com vista às fases 2 e 3, segundo aqui foram descritas, encontram-se atualmente em curso, a par com a primeira grande tarefa. A conversão dos ficheiros sonoros de formato analógico para digital, contendo registos de versões recolhidas pelas equipas de Pere Ferré até 2005 encontra-se finalizada, tendo sido levada a cabo por uma empresa certificada e com significativa experiência na área. Seguir-se-á o trabalho de transcrição, revisão das transcrições previamente efetuadas e de edição dos registos para futura incorporação na base de dados. Por seu turno, prosseguem os trabalhos de preparação com vista à digitalização dos cerca de 10.000 documentos que constituem o arquivo em papel contendo as versões de romances tradicionais publicadas em Portugal. Este arquivo requer, pela sua complexidade intrínseca (reúne pretensamente todas as reedições das mencionadas versões), uma etiquetagem prévia, folha a folha, de modo a evitar as perdas de documentos e a proporcionar um mais eficiente reconhecimento do arquivo digitalizado, através da mimetização da organização em pastas do original em papel, reproduzindo inclusivamente as suas cotas identificativas (figs. 3, 4 e 5). Pensa-se que em breve este arquivo em papel esteja em condições para ser digitalizado.

Paralelamente, deram-se já os primeiros passos com vista à implementação das bases de dados, nomeadamente no que respeita ao seu design e atualização. Refira-se que estas assentavam numa primitiva estrutura concebida durante os anos 90 no software Microsoft Works. Dispúnhamos já, neste formato, de uma base de dados relativa às versões de romances tradicionais publicados e outra relativa às versões de romances inéditas fruto das recolhas de Pere Ferré, que estamos a tentar fazer confluir num *interface* comum. Como se depreende, as limitações impostas pelo sistema Microsoft Works serão agora ultrapassadas, de forma a incluir ficheiros de som (mp3), imagem (.jpg) e novos campos relativos à descrição das versões que anteriormente não foram contemplados serão agora incorporados. Uma vez que se encontram praticamente definidos os requisitos das bases de dados, tarefa levada a cabo em cooperação com o informático do projeto, passámos então à fase de testes, em que nos situamos atualmente. Do mesmo modo, uma vez dados neste

momento os primeiros passos necessários à implementação do site www.romanceiro.pt, encetou-se uma fase de discussão sobre a definição das funcionalidades da futura plataforma, que se encontra em curso.

6. Como se pode observar, muito trabalho resta por levar a cabo de forma a concluir os objetivos que atrás expusemos, embora não verifiquemos neste momento uma significativa derrapagem no cronograma aprovado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Em síntese, o apoio concedido pela Fundação Calouste Gulbenkian veio permitir não só concretizar, através do presente projeto, a urgente recuperação, por via da digitalização, deste bem patrimonial e a sua divulgação pela comunidade científica, como cremos lançar com este trabalho as bases para futuros projetos de alargamento desta plataforma a outros recursos. Potenciá-la com novas possibilidades de pesquisa cruzada e alargada no campo das correspondências com o romanceliro antigo, com o romanceliro dos restantes povos de expressão castelhana, portuguesa, catalã e galega e com a balada europeia (através da inclusão de versões antigas, manuscritos, partituras, música, textos críticos e bibliografias, etc.) constitui o nosso foco de investimento para o futuro. É neste sentido que estamos a pensar a plataforma em construção, obedecendo à preocupação de criar um produto aberto à incorporação de novos recursos e parceiros científicos, assim nos permitam, nos tempos vindouros, as oportunidades de financiamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, Teresa (2000). *Teófilo Braga e o Romancero de Tradição Oral Moderna Portuguesa. Questões de História e Teorização*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa [edição policopiada].

BOTO, Sandra (2011). *As Fontes do Romancero de Almeida Garrett. Uma Proposta de "Edição Crítica"*. Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor no Ramo de Línguas, Literaturas e Culturas, Especialidade de Estudos Literários, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (url: <http://hdl.handle.net/10362/7205>).

BRAGA, Teophilo (1906). *Romancero Geral Portuguez, I: Romances heroicos, novelescos e de aventuras*. Lisboa: Manuel Gomes.

BRAGA (1907). *Romancero Geral Portuguez, II: Romances de aventuras, historicos, lendarios e sacros*. Lisboa: Manuel Gomes.

BRAGA (1909). *Romancero Geral Portuguez, III: Romances com forma litteraria do seculo XV a XVIII*. Lisboa: J. A. Rodrigues & Co.

CARINHAS, Cristina (1995). *Romancero das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira (1825-1960). Edição Crítica*. Tese de Mestrado apresentada à Universidade Nova de Lisboa.

FERRÉ, Pere, com a colaboração de Vanda Anastácio, José Joaquim Dias Marques e Ana Maria Martins (1982). *Romances Tradicionais*, Funchal: Edição da Câmara Municipal.

FERRÉ, Pere (2000). *Romancero Português da Tradição Oral Moderna. Versões Publicadas entre 1828 e 1960*, vol. I, com a colaboração de Cristina Carinhas, Ramón dos Santos de Jesus e Eva Parrano. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

FERRÉ, Pere (2001). *Romancero Português da Tradição Oral Moderna. Versões Publicadas entre 1828 e 1960*, vol. II, com a colaboração de Teresa Araújo, Cristina Carinhas e Mirian Nogueira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

FERRÉ, Pere (2003). *Romancero Português da Tradição Oral Moderna. Versões Publicadas entre 1828 e 1960*, vol. III, com a colaboração de Sandra Boto. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

FERRÉ, Pere (2004). *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna. Versões Publicadas entre 1828 e 1960*, vol. IV, com a colaboração de Sandra Boto e Patrícia de Jesus Palma. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

FERRÉ, Pere e CARINHAS, Cristina (2000). *Bibliografia do Romanceiro português da Tradição Oral Moderna (1828-2000)*. Madrid: Instituto Universitario Seminario Menéndez Pidal.

MARQUES, José Joaquim Dias (2003). *O Romanceiro de Estácio da Veiga*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Algarve.

PIRES, Natália (2006). *O Léxico do Romanceiro da Tradição Oral Moderna Portuguesa*, Tese de Doutoramento apresentada à Universidade A Coruña.

RICO, Amparo (2005). *Romancero de la provincia de Valencia: recopilación, catálogo y estudio*, Tesis doctoral. Universitat de València.

SALAZAR, Flor (2011). *Romances vulgares tradicionales. Identificación, características y clasificación. Creación de un índice general ejemplificado del Romancero Vulgar*. Tesis doctoral. Universidad Complutense de Madrid.

VALENCIANO, Ana (1994). *Los romances tradicionales de Galicia. Catálogo ejemplificado de sus temas*. Tesis doctoral. Universidad Complutense de Madrid.

VASCONCELLOS, José Leite de (1958). *Romanceiro Português*, I. Coimbra: Por Ordem da Universidade.

VASCONCELLOS, José Leite de (1960). *Romanceiro Português*, II. Coimbra: Por Ordem da Universidade.

VEIGA, Estacio da (1870). *Romanceiro do Algarve*. Lisboa: Imprensa de Joaquim Germano de Sousa Neves.

ANEXOS



Fig. 1: Detalhe do arquivo contendo as fotocópias das versões de romances publicadas em Portugal desde 1828.



Fig. 2: Pequena amostra das 609 cassetes áudio produto das recolhas de campo contendo versões de romances tradicionais, depositadas no Arquivo.

ORD: COT: 010-015-001.2

IGR: 0045 TIT: El Moro que reta a Valencia

C01: # T01: #

C02: # T02: #

C03: # T03: #

C04: # T04: #

C05: # T05: #

PRO: Trás-os-Montes e Alto Douro

DIS: Bragança

CON: Vinhais

E01: Fontes (1987a) 562

E02: Fontes I (1987) 2-3

E03: #

E04: #

E05: #

E06: #

E07: #

E08: #

E09: #

E10: #

E11: #

E12: #

E13: #

E14: #

E15: #

E16: #

E17: #

E18: #

E19: #

OBS: #

AED: 1987

Fig. 3: Exemplo de ficha individual relativa a uma das versões já publicadas do romance "El moro que reta a Valencia" publicada por Manuel da Costa Fontes em 1987 e reeditada pelo mesmo editor no mesmo ano. Cada versão é acompanhada por uma ficha semelhante que irá ser transposta para a nova base de dados.

562 MANUEL DA COSTA FONTES

Augusta Ramos on August 16, 1980 in Eiró (Vinhais):

<p>Bem se passeia o mourinho de calçada em calçada, olhando para Valência, o qu'está d'enmuralhada! 5 — Ó Valência, ó Valência, de fogo sejas queimada! Ainda ontem eras dos mouros, agora estás cautivada. Quandas eras dos mouros, 10 eras de prata lavrada; agora que és da cristandade, és de pedra mal talhada. E o rei, que aquilo ouviu d'altas torres dond'estava, 15 chamou pela sua filha, pela sua filha Bernarda. — Entretem-me esse mourinho de palavra em palavra; as palavras sejam poucas, 20 d'amores venham tomadas. — Como o hei-de entreter, meu pai, se eu d'amores não sei nada?</p> <p>E o pai foi-s'embora. E ela esperou o mourinho: (Her father left and she waited for the little Moor:)</p> <p>— Vai-te daí, ó mourinho, que vem o meu pai e te mata: 25 os cavalos d'el-rei, meu pai, já tropelam na calçada. — Não tenho medo ao teu pai nem à sua gente armada, que o teu pai não tem cavalos 30 como a minha égua Paira, a não ser um filho dela, que não sei por onde ele pára. — Vai-te daí, ó mourinho, não digas que eu te sou falsa; 35 esse cavalo, mourinho, meu pai tem-le dado cevada. Palavras não eram ditas e o cavalo rochinava, e o mourinho, qu'aquilo ouviu, 40 ele fugia que voava; por a clara vinha fora, bem s'ele maniava.</p>	<p>The little Moor was walking from street to street, looking at Valencia, oh how strongly walled it is! "Oh Valencia, oh Valencia, may you be burned with fire! Yesterday you were still Moorish, now you have been captured. When you belonged to the Moors, you were of wrought silver; now that you are Christian, you are of poorly carved stone." The king, who heard those words from the tall towers where he was, called for his daughter, his daughter Bernarda. "Entertain that little Moor for me with conversation; let the words be few, but as if you were in love." "How can I entertain him, father, when I know nothing of love?"</p> <p>"Get away, oh little Moor, my father will come and kill you; the horses of my father, the king, are galloping along the street." "I do not fear your father nor his armed men, for he doesn't have horses like my mare Paira, unless it be a son of hers whose whereabouts I don't know." "Get away, oh little Moor, don't say that I deceive you; to that horse, little Moor, my father has fed barley." These words were barely said and the horse began braying, hearing this, the little Moor ran so fast he seemed to fly; through the good vineyard, he moved as fast as he could. (TM no.2)</p>
---	---

fontes (1987a)

010-015.001.1

Fig. 4: Reprodução da imagem do texto da versão mencionada na ficha da Fig. 3. Trata-se da primeira publicação constante na respetiva pasta do arquivo juntamente com a ficha, onde duas notas marginais manuscritas em pé de página dão indicações sobre a sua sigla bibliográfica e sobre a sua cota identificativa.

II. PERSEGUIÇÃO DO BÚCAR PELO CID (Á-A)

2.

Recitado duas vezes por Cândida Augusta Ramos, de 75 anos de idade. A segunda recitação foi muito rápida, de modo que a informadora omitiu alguns dos versos gravados na primeira. Estava muito nervosa porque a filha, que tinha vindo passar as férias em Portugal, estava prestes a partir para a França. Eiró (Vila e c. de Vinhais), 16 de Agosto de 1980 (33A735).

- Bem se passeia o mourinho de calçada em calçada,
 2 olhando para Valência, o qu'está d'emmuralhada. 2
 — Ó Valência, ó Valência, de fogo sejas queimada!
 4 Ainda ontem eras dos mouros, agora estás cautivada.
 Quando eras dos mouros, eras de prata lavrada;
 6 agora que és da cristandade, és de pedra mal talhada.
 E o rei, que aquilo ouviu d'altas torres dond'estava,
 8 chamou pela sua filha, pela sua filha Bernarda.
 — Entretem-me esse mourinho de palavra em palavra;
 10 as palavras sejam poucas, d'amores venham tomadas.
 — Como o hei-de entreter, meu pai, se eu d'amores não sei nada?

[.....] *E o pai foi-s'embora. E ela esperou o mourinho:*

- 12 — Vai-te daí, ó mourinho, que vem o meu pai e te mata;
 os cavalos d'el-rei, meu pai, já tropelam na calçada.
 14 — Não tenho medo ao teu pai nem à sua gente armada,
 que o teu pai não tem cavalos como a minha égua paira,
 16 a não ser um filho dela, que não sei por onde ele pára.
 — Vai-te daí, ó mourinho, não digas que eu te sou falsa;
 18 esse cavalo, mourinho, meu pai tem-le dado cevada.
 Palavras não eram ditas e o cavalo rochinava
 20 e o mourinho, qu'aquilo ouviu, ele fugia que voava;
 por a clara vinha fora, bem s'ele maniava.

Variantes: 2a p. a Valença. — 2b de muralhada 3b *Omite.* — 4b já hoje e.
 — 8a c. então por a s. — 11b + *Em prosa:* E ela disse-le ao mourinho que se

2

fosse embora, que o pai que o matava. — 12 Omite. — 13a que o. — 14b que a s. — 16a não sendo u. — 16b p. donde e. — 17 Omite. — 18 bp. le tem d. — 19b Omite e. — 20a Omite e.

016-015-001.2

Fig. 5: Imagem da segunda edição desta versão, que acompanha, na pasta correspondente depositada no Arquivo, o texto reproduzido na Fig. 4 e a ficha da Fig. 3. Observa-se, em pé de página, uma etiqueta manuscrita contendo a sua cota identificativa. Os números à margem do texto indicam o número das páginas na publicação original.